

 **O Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI): um percurso para pensarmos o campo do ensino de filosofia no Brasil<sup>1</sup>**

*Walter Omar Kohan\**

*Daniel Gaivota Contage\*\**

*Carlineide Justina da Silva Almeida\*\*\**

**Resumo:** O presente texto apresenta o Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias com seus vinte anos de ensino, pesquisa e extensão dedicados ao ensino de filosofia e uma educação filosófica. O texto tematiza a especificidade e a história do grupo, colocando ênfase em algumas dimensões de sua atuação presente: a) Os colóquios internacionais de filosofia e educação; b) a NEFI edições; c) o Mestrado Profissional em educação filosófica com infâncias; d) os projetos de extensão; e) o periódico *childhood & philosophy*; f) as experiências de formação. Antes, um breve histórico é oferecido e, depois, uma reflexão sobre a dimensão metodológica do NEFI. Assim, o texto é oferecido como uma oportunidade para pensar o NEFI como

---

<sup>1</sup> Agradecemos ao CNPq, Projetos "A vida (política) do mestre numa educação filosófica: Paulo Freire em escolas públicas brasileiras e italianas", processo 401272/2022-2, "Uma pedagogia errante e filosoficamente menina da pergunta: fundamentos; aberturas; sentidos", processo 310553/2023-7 e "Filopensar: perguntas meninas em formação", processo 420760/2023-7; e à FAPERJ, Projeto "Uma pedagogia menina da pergunta: princípios, sentidos e desdobramentos", PROGRAMA CIENTISTA DO NOSSO ESTADO - 2021.

\* Doutor em Filosofia pela Univ. Iberoamericana México (IBERO). Professor Titular na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: [wokohan@gmail.com](mailto:wokohan@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8252328432864159>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2263-9732>.

\*\* Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: [danielcontage@yahoo.com.br](mailto:danielcontage@yahoo.com.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2343951752602782>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7900-1732>.

\*\*\* Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: [carlaalmeida\\_rn@hotmail.com](mailto:carlaalmeida_rn@hotmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4387534431738613>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5305-895X>.

um coletivo – possibilidade aberta e em permanente busca de sentidos relativos ao ensino de filosofia ou, para dizê-lo mais amplamente, a uma educação filosófica.

**Palavras-chave:** Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI); Infância; Escuta; Pergunta; Metodologia.

### **The Center for the Study of Philosophy and Childhood (NEFI): a path to think about the field of the teaching of philosophy in Brazil**

**Abstract:** The present text presents the Center for the Study of Philosophy and Childhood (NEFI) with its twenty years of teaching, research and extension dedicated to the teaching of philosophy and a philosophical education. The text discusses the specificity and the history of the group, emphasizing some dimensions of its present action: a) the international colloquiums on philosophy and education; b) the NEFI editions; c) the Professional Master in philosophical education with childhoods; d) the extension projects; e) the journal *childhood & philosophy*; f) the educational (formation) experiences. First, a brief history is offered, and then a reflection on the methodological dimension of the NEFI. Thus, the text is presented as an opportunity to think of the NEFI as a collective – open possibility in permanent search for meaning concerning the teaching of philosophy or, to put it more broadly, a philosophical education.

**Keywords:** Center for the Study of Philosophy and Childhood (NEFI); Childhood; Listening; Question; Methodology.

### **Núcleo de Estudios de Filosofías e Infancias: una trayectoria para pensar el campo de la enseñanza de la filosofía en Brasil**

**Resumen:** El presente texto presenta el Centro de Estudios de Filosofía e Infancia con sus veinte años de docencia, investigación y extensión dedicados a la enseñanza de la filosofía y a una educación filosófica. El texto discute la especificidad y la historia del grupo, poniendo énfasis en algunas dimensiones de su acción actual: a) los coloquios internacionales de filosofía y educación; b) las ediciones del NEFI; c) el Máster Profesional en educación filosófica con infancias; d) los proyectos de extensión; e) la revista *childhood & philosophy*; f) las experiencias de formación.

Antes, se ofrece una breve historia y, a continuación, una reflexión sobre la dimensión metodológica del NEFI. Así, el texto se ofrece como una oportunidad para pensar el NEFI como un colectivo – posibilidad abierta y en permanente búsqueda de significados relativos a la enseñanza de la filosofía o, para decirlo más ampliamente, a una educación filosófica.

**Palabras clave:** Núcleo De Estudios De Filosofías E Infancias (NEFI); Infancia; Escucha; Pregunta; Metodología.

## Introdução

É pertinente escrever um artigo acadêmico para apresentar um espaço de ensino, pesquisa e extensão numa Universidade Pública do Rio de Janeiro? A princípio, não sabemos. Contudo, lemos que o artigo fará parte de um dossier que tem, como eixos temáticos, (1) o estatuto epistemológico do campo do ensino de filosofia e (2) o estatuto histórico do ensino de filosofia a partir de uma análise autorreflexiva no campo. A dúvida tem-se deslocado: ela já não recai mais sobre a pertinência do artigo em si próprio, mas sobre a qual desses dois campos ele será proposto.

Apresentemos mais explicitamente a proposta: o espaço, grupo, bando em questão é o Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI) vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), programa com nota máxima (7, sete) nas últimas três avaliações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ele desenvolve regularmente ações de ensino, pesquisa e extensão em torno do ensino de filosofia há duas décadas. Contudo, apresentá-lo no presente dossier não é um fim em si mesmo, mas uma oportunidade para justamente refletir sobre as questões que atravessam os dois eixos deste dossier: o estatuto – epistemológico, mas também filosófico, pedagógico, político – do campo do ensino de filosofia no Brasil. Diríamos, mais ainda, que a presente escrita é uma chance de contribuir para colocar em questão os sentidos com os quais o ensino de filosofia passou a se constituir, entre nós, num campo

significativo de estudo, escrita e intervenção, em especial, nas universidades públicas do Brasil.

Não anima a presente escrita uma busca apologética ou de autoelogio. O NEFI é apenas um entre muitos grupos que tem abraçado o ensino de filosofia nos últimos vinte anos no Brasil. No seu percurso histórico, ele tem errado muito, nos múltiplos sentidos da palavra (Kohan, 2019). Ao mesmo tempo, ele tem uma especificidade e uma história que pode ajudar outros grupos a se pensarem a si próprios. É com esse intuito que estamos escrevendo: para pensarmo-nos enquanto possibilidade aberta e em permanente busca de sentidos relativos ao ensino de filosofia ou, para dizê-lo mais amplamente, a uma educação filosófica.

### **História(s), trajetórias, perspectivas**

Qualquer escrita sobre o NEFI deveria partir de um estudo já realizado por Simone Berle na sua tese doutoral defendida, em 2017, no PROPEd (Berle, 2018). Ao mesmo tempo, já se passaram mais de cinco anos do seu estudo, anos duros para as universidades públicas que enfrentaram políticas autoritárias e recessivas. De modo que nos referiremos brevemente a alguns aspectos históricos já contidos nesse estudo e concentrar-nos-emos nos difíceis anos mais recentes e nas perspectivas presentes.

O NEFI atua desde 2003 no ensino, pesquisa e extensão. Na formação de recursos humanos na área da educação, tem desenvolvido uma atividade intensa e sistemática. Com efeito, no NEFI formaram-se, desde sua criação, 25 Mestres; 23 Doutores; 15 Pós-Doutores numa educação filosófica, além de muitos graduados em pedagogia e filosofia. Também o NEFI recebe regularmente mestrandos e doutorandos de outros estados e do exterior, assim como diversos pesquisadores do grupo têm sido contemplados com bolsas de doutorado sanduíche no exterior outorgadas pela FAPERJ, CNPq ou CAPES (Programas Cofecub, Procad, CRICYT, CAPES-PrInt).

As interações com universidades brasileiras e do exterior são permanentes. Para perceber a dimensão internacional do trabalho do NEFI, basta atentar para as instituições com as quais ele tem realizado trabalhos em parceria: Universidad de Buenos Aires, Universidad Nacional de La Plata, Universidad Nacional de San Juan, FLACSO, Universidad de Chile, Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia, Universidad Central de Venezuela, University of British Columbia (Canada), Universidad Nacional Autónoma de México, Universidad del Estado de México, Montclair State University, Columbia University, WestChester University, University of Washington (EUA), Universidade dos Açores, Universidade do Porto, Instituto Politécnico de Lisboa, Universidad Complutense de Madrid, Université Paris 8, KULeuven, Università degli Studi di Napoli, Università degli Studi di Padova, Università degli Studi di Genova, The Aegean University, University of Strathclyde, University of Cape Town, Universidade Eduard Mondale (Moçambique), International Council of Philosophical Inquiry with Children (ICPIC), UNESCO.

No que segue destacaremos alguns dos projetos atuais do NEFI, que envolvem ensino, pesquisa e extensão de uma forma interrelacionada, conectiva e complementar.

### **Os Colóquios Internacionais de Filosofia e Educação (CIFE)**

Recentemente, entre 7 e 11 de novembro de 2022, teve lugar, na UERJ, o XI Colóquio Internacional de Filosofia e Educação, organizado pelo NEFI. Poucos eventos relacionados ao ensino de filosofia podem mostrar uma história de mais de vinte anos sem interrupções. Por isso, vale a pena repassar, mesmo que rapidamente, suas edições anteriores e o movimento que foi surgindo com ele.

Em junho de 2002, teve lugar o I Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação sob o tema "O valor do mestre – igualdade e alteridade na educação", com a presença, dentre outros convidados, de Jacques Rancière e o lançamento da edição em português do seu livro *O*

*mestre ignorante.* A segunda edição do colóquio, em novembro de 2004, foi organizada sob o tema "O devir-mestre: entre Deleuze e a Educação" com as presenças, dentre outros, de René Scherer e François Zourabichvili. A terceira edição do Colóquio fez homenagem ao filósofo francês Michel Foucault, comemorando os 80 anos de seu nascimento, em outubro de 2006. Participaram do "Foucault: 80 anos", dentre outros, Philippe Artières, Judith Revel e Mathieu Potte-Bonneville. O IV Colóquio, em agosto de 2008, deixou de ter um filósofo francês como tema central e passou a ter uma temática que, nessa edição foi: "Filosofia, aprendizagem, experiência". O V Colóquio, em setembro de 2010, ampliou a internacionalização: o colóquio passou a ser Internacional e não apenas Franco-Brasileiro. A sua temática foi: "Devir-criança da filosofia: infância da educação". Já o VI Colóquio, em agosto de 2012, teve como tema "Filosofar: aprender e ensinar". A estrutura desses colóquios incluía mesas, sessões especiais com convidados, oficinas, comunicações e comportava atividades com crianças na Universidade e em escolas públicas em Duque de Caxias, RJ.

A partir da sétima edição, o colóquio tornou-se gratuito e o número de participantes foi crescendo ano após ano. Em setembro de 2014, o VII Colóquio propôs, como tema, "O que pode a escola hoje em Nossa América?", para interrogar a potência filosófica, pedagógica e política da escola. Em 2016, a VIII edição do Colóquio, de 4 a 7 de outubro, em pleno golpe de Estado contra a ex-presidente Dilma, perguntava, sob o tema "Comunidades que se tecem entre *nosotros*: alinhavando diferença e o ato de educar em uma língua ainda por ser escrita", pela força política de resistência de experiências pedagógicas "outras", sob o nome de filosofia.

O IX CIFE foi realizado de 1 a 5 de outubro de 2018 num contexto de crise profunda da universidade pública e, em particular, da UERJ, acossada por políticas públicas privatistas, discutindo a temática "Filosofia e educação em errância: inventar escola, infâncias do pensar". No evento, aberto pela mãe e filha da Marielle Franco assassinada no mesmo ano, todas as mesas principais foram compostas por mulheres.

O X CIFE foi atravessado pela pandemia de Covid-19 e a própria realização do colóquio esteve em questão até decidirmos que fosse

inteiramente virtual. Nessa edição, decidimos retirar da programação palestras, apresentações de trabalho e trabalhos acadêmicos compridos para dar lugar a textos curtos e questionadores que foram organizados em grupos de estudo e momentos de discussão que, durante três dias, se debruçaram para pensar juntos as temáticas colocadas. O princípio da igualdade oferecido por Rancière na primeira edição do colóquio tomava um outro corpo e sustentava a participação aberta de qualquer um com a única condição: apresentar um texto de entre 500 e 1000 palavras, que começasse e terminasse com uma pergunta e tivesse uma única referência bibliográfica.

O XI CIFE recentemente realizado consolidou a proposta de um evento mais igualitário, democrático e aberto a quem quiser participar a partir da mesma condição proposta na edição anterior do colóquio, neste caso sobre a pergunta principal do XI CIFE: “estudar?”. O colóquio agrupou os trabalhos não em sessões de comunicações e conferências, mas em círculos de estudo, em que a possível desigualdade política expressada, dentre outras coisas, pela pertença institucional de cada um, era obstaculizada pelo anonimato dos textos, e pelas metodologias que experimentamos propiciar. Os círculos de estudo dividiram-se em rodas de palavras, exercícios errantes e inter-ações com convidados, durante cinco dias de ocupação de espaços dentro e fora da Universidade.

De todos os colóquios emanam publicações na forma de livros que, desde 2016, são publicados na coleção “Coletivos” da NEFI edições (cf. 2.2. *infra*). São materiais de estudo que alavancam um acervo cada vez mais nutrido em torno do ensino de filosofia e de uma educação filosófica. Por sua parte, a composição dos colóquios (igualitários, abertos, gratuitos, públicos, dentro e fora da Universidade) transluzem cada vez mais uma forma “NEFI” de ensinar filosofia, ou educar filosoficamente. Essa forma será apresentada dentro de algumas seções (cf. 3. *infra*)

## NEFI edições

Em 2016 nasceu a NEFI edições, uma tentativa de materializar a conformação de uma biblioteca de leitura e escrita, a partir dos encontros que atravessam o próprio núcleo. Dadas as crescentes dificuldades para publicar livros acadêmicos em editoras comerciais reconhecidas e o custo elevados dos livros, NEFI edições propõe-se contribuir com a popularização do ensino de filosofia, disponibilizando todos seus livros on-line de forma gratuita. São quatro coleções: “Coletivos”, “Teses e Dissertações”, “Ensaios” e “Expresiones de infância”. A seguir, apresentaremos brevemente cada uma delas.

Na Coleção “Coletivos” encontram seu lugar diversas formas de escritas coletivas. Ela acolhe e potencia trabalhos que surgem de eventos, projetos de pesquisa, livros compostos a partir de várias vozes, de narrativas escritas com muitas mãos que emergem para potenciar a vida coletiva. Ela tem publicado até o presente oito volumes: quatro, das últimas edições do CIFE; um livro de *Narrativas confinadas*, escrito durante a pandemia por colegas de Argentina, Brasil, Chile e Uruguai; outro com os registros do GT *Filosofar e ensinar a filosofar* de ANPOF entre 2006 e 2018, organizado por Patricia del Nero Velasco; um livro de uma chamada específica de *Mulheres pensando e escrevendo com mulheres* (organizado por Dulce Maria da Silva Voss; finalmente, *Trans-cre-ver*, um livro organizado por Camila Regina, Carolina Fonseca e Priscila Liz Belmont, com transcrições de experiências de filosofia com crianças em duas escolas municipais de Duque de Caxias, RJ.

Na Coleção “Teses e Dissertações” encontram-se expressivas pesquisas que passam pelo NEFI, seja de mestrandos ou doutorandos do ProPEd, seja de autores de distintos países que fazem missões de estudo e de trabalho no NEFI e que concorrem a uma chamada anual arbitrada por uma comissão de seu Conselho Editorial Internacional. Ela tem publicados dezesseis volumes, alguns deles já na segunda reimpressão.

A Coleção “Ensaios” é um convite a ensaiar-se, na escrita, na leitura, na vida. Os trabalhos, unipessoais, que compõem esta coleção são

cheios de erros e de errância e chamam autores, autoras, leitores e leitoras a ensaiar e ensaiar-se na leitura e na escrita, confiando no valor educativo tanto do equivocar-se quanto do andar atento aos sinais do caminho. Ela tem publicado onze volumes. Alejandro Cerletti, Giuseppe Ferraro, Magda Carvalho, Maximiliano Durán, Wanderson Flor, dentre outros, publicam textos monográficos nesta coleção.

A Coleção “Expresiones de Infancia” é a mais estrangeira e infantil das coleções. Por um lado, pela língua da escrita, pois tanto o título da coleção quanto os livros são escritos em língua castelhana; por outro lado, porque os livros são escritos por infantes, de muitas idades. Ela tem publicado quatro volumes e aspira a crescer com escritas infantis de diversos territórios.

Os livros da NEFI edições estão disponíveis para descarga gratuita no sítio [filoeduc.org/editora](http://filoeduc.org/editora). Eles são feitos de maneira amadora, não profissional, isto é, pelo amor de fazer livros, não pela perícia, não por profissão, mas por paixão, o que significa: dar a escrever e a ler e, ao mesmo tempo, se constituir numa escola de formação de escritores e leitores pela forma cooperativa e cuidada com que os livros são compostos. Assim, a NEFI edições é uma escola-editora, um espaço-tempo para aprender a fazer livros, fazendo-os.

## O Mestrado Profissional em educação filosófica com infâncias

O mestrado profissional em educação filosófica com infâncias busca consolidar a oferta formativa em nível de pós-graduação *estrito sensu* na área de ensino de filosofia com crianças e outras infâncias.<sup>2</sup> Ao longo desses anos tem se gerado uma demanda crescente nas diversas regiões do Brasil por uma formação específica na área. Até agora, as professoras e professores da educação básica interessados nessa formação têm encontrado

---

<sup>2</sup> O mestrado profissional em educação filosófica com infâncias foi submetido à aprovação da CAPES em outubro de 2022 e está aguardando aprovação para ser iniciado. A previsão de início é o primeiro semestre de 2024.

espaço em programas de pós-graduação em educação (e, em menor medida, em filosofia). Recentemente um passo importante foi a criação dos Mestrados Profissionais para Professores de Ensino Médio: o PROF-FILO, em rede, com diversas instituições parceiras e sede na UFPR e o Mestrado Profissional em Filosofia e Ensino do CEFET-RJ. Vale destacar, contudo, a especificidade da proposta do NEFI: enquanto os dois cursos anteriores estão voltados para professores de filosofia do ensino médio, o NEFI propõe um mestrado profissional dedicado ao ensino de filosofia e uma educação filosófica destinado a professores da educação básica (educação infantil e ensinos fundamental e médio), proposta única e singular no Brasil e que ainda tem como complemento o ensino de filosofia em contextos extraescolares e a formação filosófica de professores de outras áreas do saber. De modo que, dentro do campo da educação, o Mestrado em educação filosófica com Infâncias atinge as subáreas de fundamentos (filosofia) da educação, formação de professores, ensino de filosofia, filosofia com crianças, educação infantil, ensino fundamental, educação de jovens e adultos, educação popular e estudos da infância.

O mestrado em educação filosófica com infâncias almeja: qualificar, em nível de Mestrado Profissional, licenciados ou outros graduados envolvidos em atividades docentes para que possam problematizar sua prática e contribuir para propiciar outras formas de vida dentro e fora da escola; oferecer experiências de estudo (leitura e escrita) que contribuam a exercer o trabalho docente de forma crítica e transformadora; proporcionar ferramentas metodológicas para uma educação filosófica com infâncias em práticas educativas formais e não formais; promover o trabalho comum e cooperativo entre educadores com e sem formação filosófica; propiciar a criação de projetos de ensino, pesquisa e extensão voltados para as Escolas das Redes Públicas de Educação Básica; analisar e avaliar a situação atual das práticas de educação filosófica em temas como, por exemplo, currículo, avaliação, material didático, metodologias de ensino e de avaliação, organização escolar, profissionalização, etc.; potencializar a realização de pesquisas teórico-práticas e a consequente produção de conhecimentos e materiais tendentes

a enfrentar, filosoficamente, as urgências das práticas pedagógicas cotidianas; e viabilizar a produção de materiais didáticos e paradidáticos no campo de uma educação filosófica, além da criação de ambientes virtuais para a publicação.

O Mestrado em educação filosófica com infâncias será oferecido na modalidade semi-presencial, com dois encontros presenciais anuais no Rio de Janeiro e aulas síncronas pela plataforma zoom. Seu corpo docente está conformado por especialistas de diversos países de América Latina e as Ilhas Açores, onde funciona um mestrado em filosofia para crianças já bastante consolidado.<sup>3</sup> Espera-se que seu corpo discente seja também conformado por participantes de toda América Latina. O Mestrado será público, gratuito e bilingue (português e castelhano).

## **Os projetos de extensão**

Desde seus começos, o NEFI acompanha diversas experiências de implantação do ensino de filosofia na educação infantil e no ensino fundamental em diversos estados do Brasil. Desde 2007, o projeto “Em Caxias a filosofia em-caixa?” afirma uma relação indissociável entre ensino, pesquisa e extensão. Por um lado, trata-se de estabelecer uma ponte entre a Universidade e a escola pública, na construção conjunta de um espaço de pensamento na própria escola incluindo as comunidades escolar e universitária. Por outro lado, o projeto coloca em questão a própria lógica do ensino, de seu sentido e significado e do papel político afirmado por aquele que ocupa o lugar de ensinar. O ensino está no coração do projeto, como prática nas escolas e na Universidade, e como um dos núcleos principais a ser pesquisado e afirmado para propiciar experiências de pensamento mais intensas e significativas. Finalmente, a pesquisa alimenta permanentemente, teórica e praticamente, o projeto – tanto no que diz

---

<sup>3</sup> O mestrado em filosofia para crianças da Universidade dos Açores é uma inspiração para o mestrado em educação filosófica com infâncias do NEFI.

respeito aos materiais que estão sendo trabalhados quanto na formação dos sujeitos envolvidos no projeto e na produção de seus pensamentos. A forma em que o projeto convida e acolhe as famílias e a comunidade extraescolar, a maneira em que ele se conecta com outras comunidades universitárias e extrauniversitárias, bem como o impacto que ele tem no campo acadêmico da filosofia com crianças mostram a profunda relação afirmada pelo projeto entre ensino, pesquisa e extensão.

O sentido principal do projeto é fortalecer o pensamento de crianças, jovens e professores da Rede Municipal de Educação de Duque de Caxias, visando contribuir a uma vida mais plena no atual contexto de políticas públicas educacionais regressivas no Brasil, além de afirmar radicalmente a potência do pensamento infantil e sua condição intensamente filosófica. O projeto é efetivado principalmente na Escola Municipal Joaquim da Silva Peçanha. Ao longo desses anos, foram publicados dois livros do projeto: *A escola pública aposta no pensamento* (Kohan; Olarieta, 2012) e o recentemente lançado *Trans-cre-ver* (Regina; Fonseca; Belmont, 2022) com transcrições e outros depoimentos e reflexões em torno ao projeto.

Outras iniciativas merecem destaque. Recentemente, entre 2021 e 2022 um convênio com a Secretaria Municipal de Educação de São João da Barra (RJ) possibilitou uma formação regular para professores e práticas filosóficas em três escolas do município ao longo de um ano com duas formações intensivas de 40 horas e visitas regulares quinzenais de uma equipe do projeto durante um ano.

No Espírito Santo, o NEFI tem uma parceria douradora com o município de São Mateus que tem 44 escolas (29 de Educação Infantil e 15 de Ensino Fundamental) com carga horária de filosofia em seus currículos, com 38 professores de filosofia (16 concursados e 22 contratados) nesses dois níveis escolares, atendendo mais de oito mil alunos. Em fevereiro de 2023 está prevista uma nova formação intensiva de 40 horas para professoras e professores de educação infantil do município.

O NEFI participa de diversas atividades formativas em municípios do Nordeste. Por exemplo, entre os dias 6 e 10 de junho de 2022, doze integrantes do NEFI embrenharam-se pelas veredas do sertão nordestino,

desembocando assim no Estado do Rio Grande do Norte, mais precisamente na cidade de Pau dos Ferros, a princesinha do Alto Oeste Potiguar. Lá, inspirados no curso de alfabetização de jovens e adultos coordenado por Paulo Freire em 1963 em outra cidade do mesmo estado, Angicos, realizamos um curso de alfabetização filosófica de 40 horas, com 300 mediadores do Projeto Supera RN, como parte da Política de Superação do Analfabetismo do Estado (Rio Grande Do Norte, 2022).

### ***Childhood & philosophy***

Editado sem interrupções no Brasil desde sua criação, em 2005, *childhood & philosophy* é um periódico internacional decorrente de uma parceria entre o Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI/PROPEd/UERJ) e o Conselho Internacional para a Investigação Filosófica com Crianças (ICPIC), uma entidade que promove as práticas filosóficas com crianças em mais de cinquenta países. Publicou, até o presente, vinte e sete números em formato eletrônico, com textos em oito línguas: inglês, português, castelhano, italiano, alemão, russo, grego e francês. Publicada de forma ininterrupta desde 2005, sua periodicidade foi semestral até 2015, quadrimestral entre 2016 e 2018 e volume anual único a partir de 2019. Com ampla interlocução internacional, *childhood & philosophy* oferece acesso livre ao seu conteúdo de artigos e ensaios sobre a infância e suas relações com a filosofia, experiências práticas filosóficas com crianças, resenhas de livros sobre alguma forma de relação entre infância, educação e filosofia. Alocada em bases como *Web of Science*, *Scopus*, *Redalyc*, *Educ@*, lida e citada em diversos países do continente, *childhood & philosophy* tem se tornado uma possibilidade efetiva de interlocução e ampliação do diálogo entre educação, filosofia e infância, no Brasil e na América Latina.

Alguns indicadores mostram o impacto e a singularidade da *childhood & philosophy* para o campo do ensino de filosofia no Brasil: a) trata-se da única publicação acadêmica na área de interfaces entre filosofia,

educação e infância, com concentração temática específica nas áreas de educação filosófica da infância, ensino de filosofia a crianças e filosofia da infância; b) a revista integra o catálogo de publicações digitais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ ([epublicações.uerj.br](http://epublicacoes.uerj.br)) o que garante uma política de acesso público e gratuito ao seu conteúdo; c) como efeito de sua parceria com o ICPIC (International Council of Philosophical Inquiry with Children), ela alcança leitores e leitoras dos cinco continentes; d) o 80 % de seu comitê científico é conformado por pesquisadoras e pesquisadores de outros países; e) mais do 50% dos autores dos trabalhos publicados são também de instituições estrangeiras.

### **As experiências de formação**

O NEFI tem realizado, desde sua criação, um intenso trabalho de formação. São incontáveis as experiências de formação coorganizadas pelo grupo em diversos países e estados do Brasil. O NEFI organiza também, uma vez por ano, uma experiência de formação de quarenta horas, totalizando até agora catorze experiências de formação, realizadas, na sua maior parte, no campus CEADS (Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável) da UERJ em Dois Rios, Ilha Grande, RJ<sup>4</sup>.

A vila de Dois Rios, situada na Ilha Grande, na costa verde do Estado do Rio de Janeiro, tem-se constituído num espaço singular para a formação. Antiga sede do Instituto Penal Cândido Mendes, Dois Rios está no meio de um santuário ecológico, que faz parte da Reserva da Biosfera da Unesco. Nela funciona o Campus CEADS da UERJ<sup>5</sup> que oferece um espaço e tempo singulares para uma formação filosófica e pedagógica.

---

<sup>4</sup> Nas ocasiões em que o Campus CEADS estava indisponível foram realizadas experiências de formação em lugares outros como A Reserva El Nagual (Magé), no Parque (Duque de Caxias) e em Santa Cruz (RJ)

<sup>5</sup> <http://ceads.sr2.uerj.br/>

O próprio deslocamento até a Ilha convida a um desvio dos modos de vida dominantes nas grandes cidades: o percurso começa cedo num ônibus que sai do Campus Maracanã da UERJ às 6h da manhã, com lotação máxima de 28 participantes; o percurso continua numa barca que sai de Mangaratiba às 8h e atraca no píer da Vila do Abraão pouco mais de uma hora e meia depois e a viagem se prolonga em outro ônibus da UERJ que percorre demoradamente os outros treze quilômetros do caminho construído no meio da floresta por presidiários do cárcere, que teve o prédio principal implodido em 1994. Ao chegar, espera-nos o prédio onde moravam os antigos trabalhadores do presídio e uma natureza exuberante, que acalma os ânimos mais excitados.

A vila de Dois Rios parece detida no tempo: planejada como vila penitenciária, atualmente a habitam em torno de cem moradores; suas ruas, largas e desabitadas (os únicos veículos que circulam são da UERJ e fazem o transporte da comunidade até Abraão) combinam a paisagem bucólica da mata e do mar, com um pulsante Ecomuseu ([ecomuseuilhagrande.uerj.br](http://ecomuseuilhagrande.uerj.br)), e a quase inexistência de comércio e turistas. O prédio principal do CEADS acolhe os participantes da formação em dormitórios simples e uma alimentação saborosa, nutritiva e carinhosamente preparada e servida. A precariedade da conectividade (não há sinal de telefone e a internet é limitada e instável) ajuda a uma presença mais intensa e a uma desconexão necessária para uma imersão formativa.

Nesse contexto, as experiências de formação são um grande laboratório escolar de experimentação filosófica e pedagógica. Trabalha-se na perspectiva de um fazer escola, experimentando o pensar e pensando a experiência permanentemente. O caráter experimental do trabalho dá uma dinâmica cambiante e exploratória. Como exemplo, inicialmente a equipe docente do NEFI levava uma mala carregada de materiais didáticos, histórias, livros, recursos pedagógicos. Progressivamente, essa mala foi diminuindo até se tornar desnecessária, a partir da prática de uma pedagogia pobre (Masschelein; Simmons, 2010; 2014): os recursos cada vez mais surgem de uma atitude atenta ao que encontramos na Ilha e menos de uma intenção pedagógica forjada antes da chegada a ela. A equipe coordenadora

do NEFI cuida das primeiras experiências e acompanha a preparação das experiências de pensamento em grupo que serão propostas pelos próprios participantes a partir do segundo dia da formação. Para abordar mais especificamente a forma de trabalho nas experiências de formação faz-se necessário abrir uma nova seção.

## Há um método NEFI?

Algumas perguntas são insistentemente colocadas ao NEFI: existe um método NEFI? Qual a concepção de filosofia que o NEFI pratica? Qual a relação que afirma praticamente para as relações entre educação e política? Em certo modo, essas perguntas têm sido abordadas por Berle (2018) mas vale uma atualização e complementação dessa abordagem a partir das instâncias de trabalho já apresentadas.

Paulo Freire tem nos inspirado sempre e, recentemente, particularmente, com os ataques obscenos do governo Bolsonaro (Kohan, 2019), temos explicitado cada vez mais essa fonte de inspiração. Precisamente quando perguntado sobre a questão do método, Paulo Freire afirma em entrevista sobre seu trabalho em Angicos, algo que nos resulta extremamente inspirador:

Eu preferiria dizer que não tenho método. O que eu tinha, quando muito jovem, há 30 anos ou 40 anos, não importa o tempo, era a curiosidade de um lado e o compromisso político do outro, em face dos renegados, dos negados, dos proibidos de ler a palavra, relendo o mundo. O que eu tentei fazer, e continuo fazendo hoje, foi ter uma compreensão que eu chamaria de crítica ou de dialética da prática educativa, dentro da qual, necessariamente, há uma certa metodologia, um certo método (Freire *apud* Pelandré, 2014, p. 14).

O princípio e o final da citação parecem, à primeira vista, contradizer-se, pois Paulo Freire afirma, no início, não ter método e, no final, ter um certo método. Porém, no meio está o que importa e ajuda a

pensar nessa tensão: o que Paulo Freire tinha, necessariamente, era princípio e sentido: curiosidade e compromisso políticos com os renegados, negados, oprimidos. A partir deles, o que interessava a Paulo Freire era afirmar o que ele chama de uma prática crítica ou dialética da educação. E não há como afirmar qualquer prática educativa sem propor uma certa forma de fazê-lo, um “como”, um caminho; afinal isso quer dizer método: uma forma de caminhar a partir de princípios e sentidos que informam esse caminhar. Insistentemente, em particular num livro que leva como título uma sentença ao mesmo tempo poética e doutrinária (*o caminho se faz caminhando*), Paulo Freire afirma que essa forma de caminhar é encontrada no próprio pôr-se a caminho e não antes (Freire; Horton, 2018). Como o NEFI está permanentemente a caminho, ao mesmo tempo não há um método NEFI e o NEFI também afirma um método, um modo que se faz e refaz permanentemente, no próprio caminhar.

A curiosidade e o compromisso político são a própria vida do NEFI que afinal é um “Núcleo de estudos de filosofias e infâncias” que poderia ser traduzido como “Núcleo de estudos de curiosidades” pois a curiosidade é companheira imprescindível da filosofia e da infância: uma disposição a perguntar e perguntar-se pelo mundo, a forma como o habitamos, que alimenta, acompanha, dobra e desdobra a filosofia e a infância.

Poderíamos afirmar, então, reinventando Paulo Freire, que o NEFI busca afirmar uma concepção nefiana da educação, dentro da qual há certamente alguns preceitos metodológicos, mas não propriamente um método, mesmo que não tenha como não praticar certo método em suas ações. A seguir, sintetizaremos alguns achados, princípios provisórios, na forma de infinitivos verbais, que conformam esse caminhar:

## **Perguntar**

A força do perguntar abre um modo de habitar os espaços educativos de mãos dadas a uma pedagogia menina da pergunta (Kohan, 2022). O que o perguntar propicia em nós? Como ele nos dispõe para estar

juntos? Qual a sua importância para se desprender de uma pedagogia da resposta? (Freire; Faundez, 2002) Qual o sentido de respondermos uma pergunta com outra pergunta? Quais afetos do e no pensamento abre uma pergunta precisa, inesperada, convidativa? Quais viagens pedagógicas, errantes ela possibilita empreender? É a pergunta a forma mais infantil de convidar a pensar juntos? Qual a relação entre pergunta e problema: é a pergunta a chave para destravar uma relação naturalizada e ordinária com o mundo que habitamos? Perguntamos à espreita? Espreitamos as perguntas que potenciam novos inícios?

Temos repetido, com J.-F. Lyotard, que a pergunta é a infância do pensamento (Lyotard, 1987, p. 120). Isso significa, para nós, que é uma potência de início. No mesmo livro recentemente citado, Paulo Freire, diz na conversa com Myles Horton, uma frase instigante, potente que foi colocada como título de uma seção: “Eu estou sempre no começo, como você” (Freire; Horton, 2018, p. 78). A frase é extraordinária, uma declaração de amor à infância de quem não em vão foi premiado como “bambino permanente” (Wilson; Park; Colón-Muñiz, 2010). Estar sempre no começo, perguntando, curioseando. Talvez por isso sempre perguntamos: porque estamos sempre no começo e atentos aos novos começos. Por isso cada formação é (como) a primeira formação. Cada experiência, (como) a primeira experiência. Cada pergunta, (como) a primeira pergunta. Estamos sempre perguntando traduz-se por estamos sempre começando. A pedagogia do NEFI é uma pedagogia do começo.

Nesse encontro com perguntas/começos que nos encontram, no próprio exercício de perguntar e perguntarmo-nos, alcançamos um tempo que nos chama a lentificar o ritmo até nos determos, sem pressa e sem expectativa de produtividade. Insistimos em começar de novo, em perguntar outra vez: o que essa pergunta de verdade pergunta ou pode perguntar? Que outras perguntas ela nos convida a pensar? Que perguntas nascem dessa pergunta? Que começos podemos oferecer a esse começo? Que infâncias podemos oferecer a essa infância? Que perguntas precisamos acolher para nos aprofundar na viagem que essa pergunta propõe? Existem perguntas verdadeiras e perguntas falsas? Existem perguntas não perguntáveis?

## **Escutar**

Escutamos o perguntar das perguntas e a relação com elas que cada perguntar afirma. Escutamos a voz que outorga sentido às palavras pronunciadas. Escutamos o silêncio que fala e pede ser escutado. Escutamos infâncias nas palavras pronunciadas pelas mais distintas idades. Escutamos afetos que manifestam formas de estar no mundo e de pedir companhia ou convidar a uma conversa. Escutamos formas de fazer escola, dentro e fora das instituições. Escutamos os tempos, ritmos e musicalidades que nos atravessam. Escutamos saberes e não saberes; relações ao saber e ao não saber. Escutamos histórias que habitam e escrevem a educação. Escutamos os sorrisos e as alegrias, as dores e as tristezas que nos fazem pensar, escutar e perguntar. Escutamo-nos ao escutar? O que, afinal, escutamos quando escutamos?

Escutamos com forma de atenção ao mundo compartilhado. Começamos escutando. Escutamos para começar. Sabemos, os começos não são apenas cronológicos. O começo não é só o início de uma linha. Ele é também o ponto de um círculo que começa e termina no mesmo ponto em que começa. Há um tempo circular do começo. Um tempo que retorna. Há um começo que retorno em cada começo, em cada pergunta. A escuta propicia uma festa de começos. Quando a filosofia é convidada à festa os começos encontram seu próprio ritmo no pensamento e na vida.

## **A-presentar-se**

Qual o verbo que melhor descreve nossa relação com o tempo? Perdemos e ganhamos tempo? O que tempo ganhamos quando perdemos tempo e o que tempo perdemos quando ganhamos tempo? Qual o tempo em que perguntamos e escutamos? Há um tempo que não pode ser ganhado ou perdido? Há um tempo para perguntar e escutar? Propiciamos, cuidamos e alimentamos esse tempo em nossas relações pedagógicas? Qual tempo habitamos dentro e fora da escola? Estamos no tempo presente e presentes

no tempo? A-presenta-mo-nos? Em que medida nossa classe, etnia, idade condiciona o modo de nossa presença e nossa experiência temporal, bem como nossa escuta e nosso perguntar? Qual a potência de suspender o presente para pensar o que estamos sendo e o que podemos ser? Ele nos empodera?

Nas experiências de pensamento do NEFI pode aparecer uma sensação de perda de tempo: passa-se de uma pergunta para outra; não se avança; até retrocede-se no pensamento; não aparece um objetivo ou meta clara, algo aonde chegar. Como se buscássemos prolongar o começo e levar, no limite, o começo até o fim: terminar começando, um mote de nossas experiências: concluir perguntando, deixando abertos novos começos. Contudo, no meio do percurso a sensação é de um certo aprofundar-se, ou talvez de um alastrar-se, alargar-se: não se avança em linha reta mas não se permanece no mesmo lugar ou, melhor, não se permanece o mesmo no lugar; o lentificar-se, em certo modo, “estica” o presente e chama a uma maior presença nele, a uma presença mais densa. Tentamos estar presentes nesse presente esticado, trazendo ao presente palavras e perguntas de outros lugares e outros tempos. O tempo libera-se de uma certa pressa, de uma certa trajetória, fica liberado de ter que seguir um percurso para ser sentido degustado, saboreado. Ao liberar-se de uma necessidade de guiar o movimento pelos pontos (de partida, de chegada), tornamo-nos capazes de suspender de certa forma nossas *intenções* para dar lugar a uma *atenção* (para nós, materializada na escuta), como sugere também Masschelein (2010, p. 48). É possível criar as condições para experimentar esse tempo enquanto experienciamos o pensar? Uma proposta formativa consiste em gerar uma presença no presente?

## Iniciar iguais

Desde a leitura que J. Rancière oferece de J. Jacotot percebemos o valor de afirmar a igualdade como princípio de nossas práticas educativas (Rancière, 2022). Nas formas institucionalizadas torna-se especialmente

necessário cuidar e atentar para esse princípio pela tradicional paixão hierarquizante da instituição acadêmica. A tensão é tão forte que nos perguntamos insistenteamente se podemos de fato ignorar (no sentido de desobedecer) essa paixão. Mantemos vivo esse perguntar.

A igualdade está no início e como sempre estamos no começo, a igualdade está sempre. Além disso, é preciso dizer uma e mil vezes que a igualdade não apenas não se opõe quanto é uma condição das diferenças que potenciam a vida. De modo que a igualdade e a diferença estão sempre conosco. A igualdade inicia sentidos desejados e inusitados da diferença, quase impossíveis de ser praticados na lógica desigualitária institucionalizada. Só entre iguais é possível conversar, escutar, dialogar e cultivar a amorosa atenção própria de uma pedagogia menina da pergunta (Kohan, 2022).

Buscamos com esse desejo afirmativo da igualdade não a semelhança, não o mesmo, mas o comum. O comum tem sido comumente interpretado como o mesmo (Terigi, 2008), mas nos esforçamos para afirmar essa distinção. Muito falamos de comunidade, mas pouquíssimo sobre o comum: aquilo ao redor do qual nos juntamos e permite que exercitemos nossa atenção e nossa escuta. A escuta não pode ser praticada nos termos que endereçamos aqui sem uma preocupação constante com a afirmação de uma igualdade: é por partirmos de uma condição igualitária (e não por nos direcionarmos a ela como ponto final, objetivo) que podemos verificar, fazer emergir ou inventar o comum – como temos tentado fazer em nossos projetos, formações e colóquios.

Pensamos entre iguais, juntos. Perguntamos. Escutamos. Pensamos. Estrangeiros uns aos outros recriando o rito de colocar o mundo compartilhado em questão para escutá-lo, atentá-lo, entendê-lo e sonhar com outros mundos. Pensar junto cooperativo, em comunhão (compartilhando o comum), e desse modo começarmos juntos a pensar, a sonhar, a esperançar.

## Errar

A errância tem acompanhado nossas práticas e estudos há muito tempo, desde os estudos sobre Simón Rodríguez, Foucault, Sócrates e a vida como escola de viagem, ensaio e erro (Kohan, 2013; 2015), culminando na mais recente viagem afirmando uma pedagogia menina da pergunta pelo nordeste do Brasil para comemorar os 100 anos de Paulo Freire (Kohan, 2022). A errância também atravessa nosso grupo como tema de trabalhos de pós-graduação (Contage, 2017) e conceito importante para nossas formações e recentemente para o Colóquio Internacional (XI CIFE). A errância está se consolidando nas práticas do NEFI não como uma metodologia (seria mais o oposto), mas como uma postura, um modo de estar atento não ao acerto, ao correto e ao esperado, mas ao desvio, ao imprevisto, àquilo que escapa das estruturas de pensamento cristalizadas e gera linhas improváveis.

É através da abertura ao erro e ao errar enquanto forma de deslocamento imprecisa, inantecipável e inesperável, que acreditamos faz sentido acolher forças e formas menores de pensamento como a infância num contexto de pesquisa maior, dentro de um programa de pós-graduação em uma Universidade pública. É quando nos dispormos a perceber e pensar a partir das incertezas que a escuta, como a condição de igualdade e a presentificação dessas forças, se torna possível. Essa disposição teórica toma como ferramenta (ou brinquedo) a pergunta: ao perguntar, erramos com as certezas, as fazemos errar. Ao não responder ou responder perguntando, mantemos a palavra e o pensamento errantes. Ao manter essa suspensão, esta condição errante, mais atenta ao movimento que aos pontos de chegada é possível habitar essa potência do início, o pensamento na sua infância (Lyotard, 1987).

Assim, no NEFI somos convidados a afirmar o erro como uma possibilidade menina de aventurar-se sem apegos para sonhar, infantilmente, outros mundos, outras vidas, dentro e fora da academia. Aprendemos com/no NEFI que a errância privilegia a dimensão curiosa, surpreendente e encantadora de habitar o mundo, de aprender com o mundo.

Essa errância sustenta-se na não aceitação da vida e do mundo como verdade pré-determinada, mas nutre-se da coragem e ousadia de um caminhar errante que com os corpos molhados de histórias, culturas e memórias seguem estranhando, habitando, esvaziando e reinventando suas formas de estar no mundo e com o mundo sensíveis a um mundo menos injusto e excludente, mais amoroso, bonito.

## **Considerações finais**

Através da presente escrita, expressamos, em palavras, uma história do Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI), em seus vinte anos de ensino, pesquisa e extensão dedicados ao ensino de filosofia e uma educação filosófica. Destacamos algumas dimensões de sua atuação presente. O exercício de escrever (e ler) não se esgota nas palavras contadas (lidas), mas segue permeado pela força do pensar de quem deseja continuar lendo e escrevendo-se.

Atentando para nossa própria escrita, percebemos na história aqui contada um NEFI menino conectivo, procurando-se no perguntamento, comprometimento e curiosidade, com a alegria de sabermos que “nunca é tarde demais” (cf. Couto, 2009, p. 103) para pensarmos e afirmar infâncias, filosofias e educação. Esta meninice se constrói através de modos de fazer que esperam subverter contextos embrutecedores, quer seja nas formações de professores, ou nas diversas maneiras de estudar que experimentamos, dentro e fora da Universidade. No NEFI, os estudos acontecem como imersões, ou seja, num tempo intensivo para além do tempo cronológico.

Costumamos conversar, pensar, falar, escutar, perguntar, errar, iniciar iguais, porque acreditamos que, nesta experiência, estudar é aprender *com* outros a perceber-se no processo de estar no mundo, com outros e consigo mesmo. Recebemos, constantemente, muitas pessoas em nosso grupo. É comum que, ao chegar, elas nos perguntem sobre os referenciais teóricos, leituras recomendadas e formas de se aproximar do nosso modo de pensar e fazer. É difícil recomendar qualquer coisa, porque parece que o

comum neste grupo “nasce de um fazer coletivo, de improvisação, por estar aberto à imprevisibilidade do acontecimento que surge na inseparabilidade do encontro educativo” (Berle, 2018). A relação entre pesquisa e vida parece ser um fio condutor, que não é um fio de Ariadne nem marca o caminho correto, mas se compõe, no presente, de pistas, traços, rastros a partir de uma preocupação comum pelo mundo.

Acompanhar o movimento do caminho de pesquisa, no NEFI, não significa seguir um caminho correto ou “apropriado”: é menos próximo de um dédalo que de um labirinto, como Ingold (2015) nos convida a pensar: não tanto sobre as escolhas de cada um, mas sobre o esforço de manter-se no caminho. Os sentidos que temos afirmado, os projetos, formações e encontros sobre os quais nos debruçamos parecem desenhar este tipo de trajeto, que tenta escapar de sequências de decisões individuais que levem a um suposto ponto de chegada e assim desvendar o labirinto, para poder manter os sentidos abertos aos sinais que indicam o caminho. Manter-se sempre perdido, em processo de orientar-se.

No labirinto [...] aquele que segue o caminho não tem outro objetivo senão continuar, seguir em frente. Mas para fazê-lo, sua ação deve estar acoplada de modo próximo e retido com sua percepção – ou seja, um monitoramento sempre vigilante do caminho, à medida que ele vai se desdobrando. Colocado de forma simples, você tem que prestar atenção onde pisa, e também ouvir e sentir. Em outras palavras, seguir o caminho é menos intencional do que *atencional*. O andarilho é levado para fora, para a presença do real. (Ingold, 2015, p. 27)

O caminho de pesquisa infantil ensaiado no NEFI parece, portanto, ter a ver com uma prática constante de atenção e amor ao mundo, sensíveis às formas de habitá-lo que o tornam mais bonito e menos injusto. Manter os sentidos nas pontas dos dedos e explorar a realidade infantilmente, como a criança que faz o caminho até a escola. Ou como o viajante que faz a jornada até a ilha deserta. Pesquisar como aventurar-se, arriscar-se, pôr-se sempre a caminho. Afirmar a filosofia não tanto como conclusão do processo, mas

como princípio, como condição, como companheira de vida. Não pretendemos afirmar este modo como modelo, melhor, mas deixar a mostra esses fios soltos (Berle, 2018) que podem convidar a este caminhar. Talvez seja este um importante sentido do NEFI: todas as ações, publicações, eventos e encontros do grupo deixam como rastro um convite. Convidamos, ao mover-nos, a mover-se junto, a experimentar este comum. Um convite constante a perder-se, a lançar-se infantilmente em busca de uma educação filosófica que só pode encontrar-se, paradoxalmente, quando se perde numa busca comum, aberta e inantecipável.

## Referências

- BERLE, Simone. *A infância como caminho de pesquisa*. O Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI/PROPEF/UERJ) e a formação filosófica de professoras e professores. Rio de Janeiro: NEFI, 2018.
- COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?* E outras interinvenções. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002 [1985].
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: UNESP, 2001.
- FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. O caminho se faz caminhando. Conversas sobre educação e mudança social. Organizado por Brenda Bell, John Gaventa e John Peters. Tradução de Vera Josceline e notas de Ana Maria Araújo Freire. 1<sup>a</sup>. reimpressão, Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- GAIVOTA, Daniel. *Poética do deslocamento*. Rio de Janeiro: NEFI, 2017.
- INGOLD, Tim. *O dédalo e o labirinto*: caminhar, imaginar e educar a atenção. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832015000200002>.
- KOHAN, Walter Omar. *O mestre inventor*. Relatos de um viajante educador. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- KOHAN, Walter Omar. *Viajar para vivir*. Ensayar. La vida como escuela de viaje, Buenos Aires: Miño y Dávila, 2015.

KOHAN, Walter Omar. *Paulo Freire, mais do que nunca*. Uma biografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígio, 2019. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctv253f5tq>.

KOHAN, Walter Omar. *Paulo Freire*: um menino de 100 anos. Rio de Janeiro: NEFI, 2021. Disponível em: <https://filoeduc.org/nefiedicoes/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

KOHAN, Walter Omar. *Uma viagem de sonhos impossíveis*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

LYOTARD, Jean-François. *La Posmodernidad (explicada a los niños)*. trad: Enrique Lynch. Barcelona: Gedisa, 1987.

MASSCHELEIN, Jan. E-ducating the gaze: the idea of a poor pedagogy. *Ethics and Education*, v. 5, issue 1, p. 43-53. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1080/17449641003590621>.

MASSCHELEIN, Jan; SIMMONS, Maarten. *A pedagogia, a democracia, a escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PELANDRÉ, Nilcéa Lemos. Entrevista com Paulo Freire, *Eja em debate*, Florianópolis, a. 3, n. 4, p. 13-27, jul. 2014.

RANCIÈRE, Jacques. *O Mestre Ignorante*. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

RIO GRANDE DO NORTE, 15<sup>a</sup> DIREC. *Projeto de alfabetização: Supera RN*. Pau dos Ferros, 2022.

TERIGI, F. *Lo mismo no es lo común*: la escuela común, el currículum único, el aula estándar, y otros esfuerzos análogos por instituir lo común. In: Graciela Frigerio; Gabriela Diker (Orgs.): *Educar: posiciones acerca de lo común*. Buenos Aires: Del estante, 2008, p. 209-221.

Data de registro: 23/01/2023

Data de aceite: 23/08/2023